



Fotos: Marinha do Brasil

# 200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

## O ENSINO NAVAL SE FAZ PRESENTE

Rosa Neira Dopcke\*

### PARA COMEÇAR...

A independência de um país pode ser conquistada por meio de batalhas, estratégias políticas... mas um país independente vai além da posse territorial. É necessário ter autonomia econômica, orgulhar-se de sua cultura e difundi-la, explorar suas riquezas... Para garantir essa soberania, o investimento em educação precisa se fazer presente e o processo formal de ensino acontece como instrumento facilitador do progresso e da construção do conhecimento.

“Para concretizar a Independência e levar a todos os recantos do litoral brasileiro a notícia do dia 7 de setembro, foi necessário organizar uma Força Naval capaz de atingir todas as províncias e fazer frente aos focos de resistência à nova ordem.” (BITTENCOURT, Armando de Senna, 2006)

O mar e os rios foram cenários de inúmeros fatos da história do Brasil. Com sua origem na Marinha Portuguesa, a Armada Nacional, nome atribuído à Marinha de Guerra brasileira, nasceu com a Independência do Brasil. A data alusiva aos duzentos anos de independência se reveste de inúmeros significados para a atual Marinha do Brasil (MB). Hoje, como um filme de roteiro e atores premiados, a Força apresenta com orgulho as tradições e os resultados obtidos e projetados com os atuais programas estratégicos, dos quais destacam-se o Programa de Desenvolvimento de Submarinos (PROSUB), o Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR) e o Programa Fragatas Classe “Tamandaré” (PFCT), mas sem deixar de rememorar e exaltar os navios da Marinha Imperial brasileira, suas tripulações e seus comandantes, como o Almirante Barroso, exemplos do espírito marinho e da mentalidade marítima.

Como garantir a independência do país? Como transmitir às futuras tripulações os ensinamentos adquiridos e as tecnologias desenvolvidas? Seja qual for a resposta, terá como base o ensino. A capacitação do nosso pessoal é um desafio. “O homem e o conhecimento estão em transformação e o ‘homem do Mar’ se insere nesse contexto. É como navegar e traçar rotas, os ventos e as marés surpreendem e torna-se necessário alterar a derrota.”<sup>(1)</sup>

## A ESQUADRA BRASILEIRA EM FORMAÇÃO

Desde os tempos do Império, havia a percepção de que seria pelo domínio do mar que o País manteria sua unidade e coesão. Foi pelas vias marítimas, ao longo do extenso litoral, que as províncias litorâneas se interligaram. A formação de uma esquadra contribuiria para transporte de tropas e de suprimentos, controle de acesso e bloqueio dos portos. Inicialmente, a Marinha Imperial utilizou-se do “princípio da oportunidade”, aproveitando os militares adeptos à causa e os navios deixados pelos portugueses, necessitando de reparo, cuja tarefa nos novos meios coube ao Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro.

Quanto aos oficiais e praças, as lacunas, principalmente em relação à experiência, foram supridas com a contratação de estrangeiros. A preocupação com uma Força Naval eficiente, com poder de dissuasão e com militares capacitados já se fazia presente. Esses militares experientes, de certa forma, seriam os responsáveis pela transferência do conhecimento.



**Escola de Aviação Naval em 1922**

Acervo: Arquivo da Marinha

## ENSINO NAVAL: SUA ORIGEM

O Ensino Naval no Brasil tem sua origem no século 18, época em que foi criada a Academia Real de Marinha, com o propósito de, por meio de um curso matemático, assegurar bases acadêmicas aos candidatos a oficiais da Marinha. Os egressos, por mérito escolar, passaram a ser recebidos pela Academia Real dos Guardas-Marinhas, criada em 1782. Com a vinda da família real e da Corte portuguesa, em 1808, foi transferida para o Brasil. Em 1822, a intenção era que retornasse para Portugal, mas houve uma escolha formal dos alunos em permanecer no Brasil e jurar fidelidade ao Imperador. A fim de protelar o cumprimento da ordem das Cortes de Lisboa para que a Real Academia voltasse para Portugal, foi alegada a dificuldade de comunicação, permanecendo assim no Rio de Janeiro.

Com a criação da Escola Politécnica de Lisboa, em 1837, com foco na reorganização do ensino naval, constata-se, já àquela época, um debate acerca do que ensinar, entre os que defendiam o ensino técnico, dominado pela Geometria e Trigonometria, e aqueles diretamente envolvidos com o mar, que defendiam as atitudes e habilidades relacionadas à liderança e ao



**Oficialidade e um grupo de marinheiros do Cruzador “Benjamin Constant”, incorporado em 1894, apelidado de “Garça-Branca” e “Beijoca” pela marinhagem (1906)**

Acervo: Arquivo da Marinha



Escola Naval, localizada na Ilha de Villegagnon (RJ)  
Foto: Marinha do Brasil



Vista aérea da Ilha das Enxadas em 1922, onde era sediada a Escola Naval que lá permaneceu até 1938, quando passou a fixar-se na Ilha de Villegagnon (foto maior)

Acervo: Arquivo da Marinha

comando. Foi assim que a atual Escola Naval (EN), com sua história administrativa desde sua criação em Portugal, em 1782, permaneceu até sua instalação na Ilha de Villegagnon, em 1938.

Na Idade Média, a condução dos navios no mar tinha um caráter eminentemente prático. O aprendiz era aceito e qualificado em exercício. Com o advento das Grandes Navegações, a exploração dos oceanos e o desenvolvimento de instrumentos de navegação, a sistematização do ensino tornou-se imperiosa. Seguindo essa tendência até os dias atuais, os cursos da Escola Naval modificaram-se para atender às demandas da Marinha no cumprimento da sua missão.

Até então, foi observada uma preocupação em sistematizar e institucionalizar o ensino dos oficiais. Mas, reportando-nos ao século 19, constata-se a necessidade de formalizar o ensino para praças, com a criação, em 1840, da 1ª Companhia de Aprendizes-Marinheiros, seguida da instituição de outras Companhias, em diversas províncias, atualmente, denominadas Escolas de Aprendizes-Marinheiros. Sempre fiéis às tradições navais, destinam-se a preparar os jovens para o desempenho de atividades afetas aos marinheiros a bordo dos diversos meios.

Com a modernização da Esquadra, já no século 20, fortalece-se a necessidade de investir na qualificação marinha, momento em que surgiram novas escolas e intensificou-se a criação de cursos técnico-profissionais. Nesse cenário de demandas de formação, pelo Decreto nº 20.734<sup>a</sup>, de 27 de novembro de 1931, foi criada a Diretoria de Ensino Naval (atual Diretoria de Ensino da Marinha – DEnsM), como órgão da

Administração Naval, destinada a auxiliar na orientação, direção, fiscalização e regulamentação do ensino do pessoal da Marinha de Guerra. Em 2021, foram celebrados noventa anos da DEnsM na condução dessa nobre missão, iniciada, à época, pelo Contra-Almirante Tancredo de Gomensoro, primeiro Diretor-Geral do Ensino Naval. Conforme a Lei nº 11.279 de 9 de fevereiro de 2006, a DEnsM atua como órgão central do Sistema de Ensino Naval (SEN), orientando tecnicamente 22 organizações militares integrantes desse sistema, dos quais quatro estão sob sua subordinação direta.

## ENSINO NAVAL: EM CONSTANTE EVOLUÇÃO

Ao longo do tempo, o Ensino Naval foi ganhando maiores proporções e confirmando a necessidade imprescindível de uma capacitação voltada às especificidades inerentes à carreira

naval. Sintonizando com essa importância, o Governo Federal, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu artigo 83, garantiu a autonomia do ensino das Forças Armadas. Desde 1978, por meio de uma lei própria, a Lei de Ensino da Marinha, está previsto que “o ensino na Marinha obedece a processo contínuo e progressivo de educação, com características próprias, constantemente atualizado e aprimorado, desde a formação até os níveis mais elevados de qualificação, visando prover ao pessoal da Marinha o conhecimento básico, profissional e militar-naval necessário ao cumprimento de sua missão constitucional”.

O processo de ensino foi revestido de novas dimensões. As discussões foram ampliadas e delineados novos contornos. A celeridade do conhecimento e os avanços tecnológicos tomaram proporções desafiadoras para o ensino naval. A MB foi se modernizando, estabelecendo projetos prioritários, autóctones e adquirindo novos meios. Em decorrência, os itinerários formativos precisaram ser reestruturados, novas áreas de conhecimento foram incorporadas e equipamentos e sistemas padrão foram definidos.

O SEN estabeleceu o perfil profissional e o referencial de competências desejados para oficiais e praças, respectivamente, permitindo estabelecer uma integração para que fossem desenvolvidos conhecimentos, atitudes e habilidades de forma sinérgica. As estratégias de ensino e o espaço da sala de aula ganharam novos contornos. Os simuladores e o trabalho em equipe trouxeram para o ambiente escolar o que será vivenciado no dia a dia das atividades dos militares. Seja na modalidade presencial, a distância ou semi-presencial, as estratégias de ensino acompanharam as inovações e, hoje, a realidade aumentada, a impressão 3D e outras tecnologias disruptivas se fazem cada dia mais presentes. Os exercícios no mar e no terreno, as incursões e operações tornam o ensino dinâmico e mais próximo das atividades inerentes à carreira naval.

Para identificar as lacunas e necessidades de preparo do pessoal, há um trabalho contínuo entre a DEEnsM, as organizações militares de ensino e as Organizações Militares Orientadoras Técnicas (OMOT). Esse esforço resulta na estruturação das propostas curriculares dos diversos cursos de formação, de carreira e complementares integrantes do SEN. A execução dos cursos contribui para capacitar o pessoal para o desempenho, na paz e na guerra, dos cargos e funções previstos na organização da Força.

## SELEÇÃO: DA INDEPENDÊNCIA AOS DIAS ATUAIS

No início, a oficialidade e as guarnições eram, em sua maioria, compostas por portugueses oriundos da vinda da família real em 1808, fato que gerava desconfiança. À época, os brasileiros natos, devido aos requisitos de ingresso (comprovação de nobreza), tinham dificuldades para ingressar na Academia da Marinha.

Por volta de 1822, em todo o mundo, o recrutamento para as atividades marinheiras ocorria de duas formas: por voluntariado, por meio de contrato; ou na modalidade “forçada”, realizada à noite, em bares e ruas, sendo trazidos aqueles que apresentavam condições físicas adequadas. No Brasil, as duas formas foram adotadas.

Por ocasião da independência, bastava um único oficial general para preencher posto na esquadra, guarnecido pelo 1º Almirante Thomas Cochrane, e comandar seus oficiais e marinheiros. Do quantitativo de marinheiros, à época, apenas 650 possuíam experiência, permanecendo o receio quanto ao despreparo e à origem desconhecida, não sendo suficiente frente a um motim ou a uma batalha. A solução foi contratar militares estrangeiros, o que contribuiu para consolidar a emancipação do Brasil e viabilizar a sua participação em conflitos externos. Constatou-se, desde então, a importância do recrutamento adequado do pessoal e posterior qualificação para atuar no Poder Naval.

Nas décadas de 1970 e 1980, permanecia a dificuldade de obtenção de uma reserva qualificada que estivesse apta a ser convocada. A criação dos Centros de Instrução dos Oficiais



Treinamento em simulador de voo de base fixa  
Foto: Marinha do Brasil

da Reserva da Marinha (CIORM) e a realização dos Cursos de Formação dos Oficiais da Reserva da Marinha (CFORM) tinha como objetivo garantir essa reserva qualificada, em função das restritas formas de obtenção. A extinção do CFORM ocorreu devido à não obtenção da reserva desejada, custos elevados para a Administração Naval e incorporação de outras formas de seleção para a reserva que passaram a satisfazer as necessidades da Marinha. Hoje, a Reserva da Marinha é capacitada para atuar diretamente como parte da força de trabalho, sendo selecionada em habilitações de interesse, a fim de ocupar os cargos e funções previstos na MB.

Além disso, a reestruturação da carreira e o estabelecimento de diferentes Corpos e Quadros ampliaram as opções de seleção. Nesse contexto, cabe mencionar o ingresso da mulher nas fileiras militares. Aos poucos, a participação da mulher foi sendo ampliada para todos os Corpos e Quadros, atuando de forma integrada nos diversos meios e operações navais.

Até a Guerra da Tríplice Aliança, a Esquadra brasileira possuía cerca de dois mil homens; nos dias atuais, a MB conta com uma força de trabalho de cerca de 76.000 militares, confirmando sua expansão e importância para o País. Nesse cenário, a Marinha recruta, seleciona e capta candidatos civis de diversas profissões. Não obstante, também forma e capacita em habilitações com aderência de atuação apenas ao eixo militar-naval.

Por tudo isso, no momento atual, a carreira na Marinha é uma opção e, para alguns jovens, chega a ser uma perspectiva de futuro. As dificuldades de captação vivenciadas na época do Império “ficaram para história”. A Força consegue por meio das etapas dos concursos públicos, selecionar candidatos com elevado domínio técnico-profissional e competências, certificação e experiência requeridas, observando o princípio da isonomia e abrangência.

## **MB E PARCERIAS: REFLEXOS NA SOCIEDADE**

O fortalecimento do ensino na MB extrapolou a instituição e trouxe contribuições no ensino civil e para a sociedade. A Marinha mantém, desde 1956, um convênio acadêmico-científico com a Universidade de São Paulo (USP). Essa parceria resultou no primeiro curso de Engenharia Naval no Brasil, fazendo parte da história da Engenharia no País. Desde então, foi possível formar mais de quinhentos oficiais engenheiros para a Marinha e, aproximadamente,



**65 anos de parceria entre a Marinha do Brasil e a Universidade de São Paulo (USP)**

dois mil engenheiros navais civis. Essa parceria busca a promoção do ensino e da pesquisa e reflete a preocupação da Força em corroborar para o patrimônio de uma educação presente nesse sonho de um país tecnologicamente desenvolvido. Fruto dessa experiência de sucesso, parcerias com outras universidades estão sendo concretizadas, como a UNIFEI-Itajubá e ITA, buscando integração, cooperação e inovação na certeza da relevância da educação como prática transformadora.

## **LEGADO**

A Marinha foi se modernizando e adquirindo meios, equipamentos e sistemas, fruto da necessidade estratégica e das experiências desde a Marinha Imperial. Continua monitorando e patrulhando o extenso mar territorial (Amazônia Azul) e águas interiores, defendendo nossas riquezas e se preparando para garantir o Poder Naval, seja na paz ou na guerra. O salto de dois mil homens para quase 76.000 em atividade, as vivências do período da Armada Imperial, da formação da Esquadra brasileira e da participação em conflitos deixa o legado da relevância de uma força militar bem preparada para atuar num Poder Naval que garanta a soberania, os interesses e a unidade nacional.

Os programas estratégicos direcionam a visão de futuro da instituição. Aprimorar a capacitação dos militares tornou-se um objetivo naval a ser alcançado e mantido e, com isso, medidas de incremento do itinerário formativo de oficiais e praças são constantemente adotadas e revisadas para assegurar o preparo da Força Naval.

É preciso destacar que o público realmente procura a Força e, atualmente, tem um perfil diferente de anos atrás, e esse retrato precisa ser considerado na captação e, posteriormente, na formação. A carreira militar tornou-se atrati-

va e os egressos do meio civil fazem parte de uma nova geração, com experiências pessoais e profissionais prévias e/ou qualificações iniciais. Essa “bagagem” é enorme e precisa ser aproveitada e potencializada.

## POR FIM...

Em muitas crises e conflitos ao longo desses duzentos anos de história, a Marinha se fez presente na defesa das linhas de comunicação marítimas, no patrulhamento do litoral, nas ações de bloqueio dos portos, no apoio logístico e no transporte de tropas, com perda de meios e vidas. Nesse período a Esquadra brasileira foi se revigorando e se reestruturando frente aos desafios. Enquanto meios eram incorporados, algumas iniciativas norteavam rumo à necessidade de prontidão da Força Naval, como a criação de novas escolas. As adequações eram acompanhadas de alterações nos treinamentos e na transferência de conhecimento.

A assimilação de novas técnicas de combate, a incorporação e modernização de meios e sistemas e o desenvolvimento de tecnologia só podem ser efetivados por meio da **CAPACITAÇÃO**, num processo de ensino associado ao desenvolvimento da **MENTALIDADE MARÍTIMA** e do **ESPÍRITO MARINHEIRO**, fruto do legado obtido com a formação da Esquadra, das experiências nos conflitos, representados na **ROSA DAS VIRTUDES**.

Aprimorar a qualificação de pessoal da MB é uma ação estratégica, “a fim de prover à Força a pessoa certa, com a capacitação adequada, no lugar e no momento certo, visando ao cumpri-



Rosa das Virtudes – EN

mento da Missão da MB” (Plano de Direção Setorial de Pessoal – PDS-2040). Esse é o caminho para recordar e enaltecer a Marinha do passado, conduzir a Marinha do presente e preparar a Marinha do futuro! ■

## NOTA

(1) Da própria autora, presente no artigo “Novo itinerário formativo de praças: muito além do aprimoramento estratégico”, Ensino em Revista, 2021.

## REFERÊNCIAS

- <https://www.marinha.mil.br/dphdm/200-anos-da-Independencia>
- <https://www.marinha.mil.br/sites/all/modules/nomar-943/book.html#p=38>
- [https://www.marinha.mil.br/sites/www.marinha.mil.br/en/files/upload/historia\\_en.pdf](https://www.marinha.mil.br/sites/www.marinha.mil.br/en/files/upload/historia_en.pdf)
- <https://www.densm.mb/drupal/sites/default/files/ENSI-NO%20EM%20REVISTA.pdf>
- <https://www.marinha.mil.br/historia>
- <http://www.redebim.dphdm.mar.mil.br/vinculos/000008/00000898.pdf>
- <https://www.forumdefesa.com/forum/index.php?topic=13464.0>
- <http://www.redebim.dphdm.mar.mil.br/vinculos/000004/0000049c.pdf>
- <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliansa>
- <https://www.marinha.mil.br/noticias/marinha-e-universidade-de-sao-paulo-renovam-convenio-academico-cientifico>
- <https://www.defesanet.com.br/prosub/noticia/29251/MB-e-USP---Renovam-convenio-academico-cientifico--que-data-desde-1956/>
- <https://www.poli.usp.br/noticias/destaque-home/53889-poli-usp-e-marinha-celebram-65-anos-de-parceria.html>
- <http://sinaval.org.br/2021/02/video-comemorativo-dos-60-anos-da-assinatura-do-convenio-entre-a-marinha-do-brasil-e-a-usp-universidade-de-sao-paulo-para-formacao-de-engenheiros-navais/>
- BITTENCOURT, Armando de Senna (org). História : ensino fundamental e ensino médio : a importância do mar na história do Brasil. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. (Coleção Explorando o ensino ; 13).
- CAMINHA, Herick Marques. História Administrativa do Brasil; organização e administração do Ministério da Marinha no Império, v. 15. Rio de Janeiro. Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1986.
- CAMINHA, João Carlos Gonçalves. Formação da Marinha Imperial. NAVIGATOR, Rio de Janeiro, n.10, p.6–28, dez.1974.
- MAIA, João do Prado. A Marinha de Guerra do Brasil na Colônia e no Império. Rio de Janeiro. Livraria José Olímpio Editora, 1969.
- VALE, Brian. Estratégia, Poder marítimo e a Criação da Marinha do Brasil. NAVIGATOR, Rio de Janeiro, n. 4, p. 5 – 21, dez. 1974.

\* Capitão de Fragata (RM1-T), especialista em Educação, Chefe do Departamento de Capacitação da Diretoria de Ensino da Marinha